

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO (caixa alta)

THAINÁ CORREIA DA SILVA

2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**JAZZ DANCE: A LUTA DO POVO NEGRO PELA LIBERDADE DE
EXPRESSÃO**

THAINÁ CORREIA DA SILVA

Sob a Orientação da Professora
Larissa Costa Murad

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço Social
da Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, como parte das exigências
para obtenção do título de bacharel em
Serviço Social.

Seropédica, RJ.
Dezembro de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

DA SILVA, Thainá Correia , 1995-
D581 Jazz Dance - A Luta do povo Negro por Liberdade de
Silj Expressão / Thainá Correia DA SILVA. - Seropédica
RJ, 2025.
31 f. : il.

Orientadora: Larissa Costa MURAD. Trabalho de
conclusão de curso(Graduação). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Bacharel Serviço Social, 2025.

1. Liberdade de Expressão. 2. Racismo
Institucional. 3. Arte. 4. Cultura. 5. Jazz Dance.
I. MURAD, Larissa Costa , 1985-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Bacharel Serviço Social III. Título.

Thainá Correia da Silva

JAZZ DANCE: A LUTA DO POVO NEGRO PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Serviço Social**, pelo Curso de Graduação em Serviço Social do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Data de aprovação: 03 de Dezembro de 2025.

Professora Dr^a. Larissa Costa Murad (Orientadora)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ

Prof. Dr. Tatiane de Oliveira Pinto (1^a.Examinadora)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ

Profa. Dra. Suellen Ferreira Guariento (2^a.Examinadora)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ

Seropédica, RJ.
2025

Dedico este trabalho a todos os artistas que, através do jazz dance, expressam a rica herança cultural do povo negro e sua luta incessante por liberdade de expressão.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a minha formação acadêmica e caminharam ao meu lado ao longo dessa jornada tão significativa. Primeiramente, meu imenso amor e gratidão aos meus pais, que nunca mediram esforços para me verem realizar o meu sonho. Todo o apoio, incentivo e dedicação de vocês foram, sem dúvida, o meu maior combustível para continuar, mesmo nos momentos mais difíceis. Ao meu avô, que hoje não está mais presente em vida, mas permanece vivo em meu coração: perder o senhor durante essa caminhada foi um dos meus maiores desafios, mas sigo firme, conquistando cada etapa por nós.

Agradeço também aos meus amigos Carolina, Gleyce, Milena, Matheus e Kamilla, por todo apoio, compreensão e por nunca soltarem a minha mão. Ter vocês ao meu lado foi essencial para que eu conseguisse manter minha dupla jornada, sempre dividida entre trabalhar e seguir adiante na graduação. E à Isabele, a minha Lucena, minha eterna Duo: sem você eu não sei como teriam sido os meus dias na Rural. Obrigada por me abraçar, por me ler apenas pelo olhar, mesmo sabendo que eu não sou fã de toques físicos. Você sempre soube quando eu precisava de um colo. Te amo desde a pré-matrícula! Meus eternos Shakiralokafc, amo vocês.

À minha amiga Juliana Cristina, obrigada por me ouvir sempre que precisei – mesmo quando era para reclamar das mesmas coisas de sempre. Obrigada por me permitir desabafar, chorar, sorrir e me divertir. É uma benção ter você tão pertinho de mim. À minha amiga Kelly, que foi fundamental em toda a minha fase de escrita: nós nos conhecemos desde crianças, crescemos juntas, dançamos juntas desde pirralhas e até nos formamos em Jazz Dance juntas. Você acompanhou de perto tanta coisa que se revelou na minha escrita e foi o meu grande colo de conforto em cada passo desse trajeto. Obrigada por acreditar em mim, por me lembrar da minha força quando eu duvidava e por me fazer enxergar o quanto eu sou gigante. Te amo!

Ao Wesley, por ter acreditado em mim quando eu já havia desistido de tudo. Sou grata por você ter feito a minha matrícula, por me incentivar a correr atrás dos meus sonhos e por sempre reafirmar a grandiosidade da minha garra e da minha força. Toda a loucura do início do período na pandemia só foi suportável – e até gratificante – porque você esteve ao meu lado. Obrigada por ser meu grande parceiro em toda essa caminhada.

A todos vocês, meu sincero e eterno muito obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo indicar o *Jazz Dance* enquanto manifestação artística e cultural que ultrapassa os limites técnicos da dança, revelando-se como uma expressão de liberdade, resistência e identidade. Por meio de uma abordagem qualitativa, desenvolvida por levantamento bibliográfico e relato de experiência, o estudo revisita a trajetória histórica do *jazz* desde suas origens nas comunidades negras norte-americanas até sua consolidação e ressignificação no Brasil, com destaque para a atuação de Joyce Kerrmann e Roseli Rodrigues. O referencial teórico baseia-se em autores como bell hooks (1995), Brenda Dixon Gottschild (2003) e Paulo Freire (1996), que contribuem para compreender a dança como linguagem política, educativa e emancipatória. A pesquisa evidencia que o *Jazz Dance*, ao unir técnica, emoção e ancestralidade, constitui-se como prática de resistência cultural, reafirmando o corpo como território de memória e expressão. No contexto brasileiro, a modalidade assume contornos próprios, dialogando com a diversidade e a pluralidade da cultura nacional. Conclui-se que o *Jazz Dance* é um instrumento de formação humana, artística e social, capaz de promover a autonomia, o reconhecimento das identidades e pode promover a transformação do sujeito por meio da arte. Palavras-chave: *Jazz Dance*. Liberdade; Resistência; Cultura; Educação.

ABSTRACT

This final paper aims to analyze Jazz Dance as an artistic and cultural manifestation that transcends technical aspects of dance, revealing itself as an expression of freedom, resistance, and identity. Through a qualitative approach, developed with bibliographical review and experience report, the study revisits the historical path of jazz, from its origins in African American communities to its consolidation and reinterpretation in Brazil, highlighting the contributions of Joyce Kerrmann and Roseli Rodrigues. The theoretical framework is based on authors such as bell hooks (1995), Brenda Dixon Gottschild (2003), and Paulo Freire (1996), who understand dance as a political, educational, and emancipatory language. The research demonstrates that Jazz Dance, by combining technique, emotion, and ancestry, becomes a form of cultural resistance, reaffirming the body as a territory of memory and expression. In the Brazilian context, the style acquires unique contours, engaging in dialogue with the country's diversity and cultural plurality. It is concluded that Jazz Dance represents a powerful tool for human, artistic, and social formation, capable of fostering autonomy, identity awareness, and possible personal transformation through art.

Keywords: Jazz Dance; Freedom; Resistance; Culture; Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	24
CAPÍTULO 1 – MEMORIAL.....	28
1.1 A ESTÉTICA DO APAGAMENTO.....	28
1.2 O ESPAÇO DO NÃO PERTENCER.....	32
1.3 QUANDO EU VIREI REFERÊNCIA.....	34
CAPÍTULO 2 – O JAZZ DANCE E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO.....	39
2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DO JAZZ DANCE.....	39
2.2 O JAZZ DANCE COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL E LIBERDADE DE EXPRESSÃO.....	41
2.2.1 A Liberdade de Expressão no Jazz Dance.....	42
2.3 BARREIRAS ENFRENTADAS E MOVIMENTOS DE INCLUSÃO.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa é o *Jazz Dance*, compreendido como uma das mais marcantes e significativas expressões da dança na contemporaneidade. Inserido em um universo em que a dança, de forma ampla, é reconhecida como uma das mais antigas e universais formas de expressão humana, o *Jazz Dance* se destaca por unir técnica, energia e liberdade de expressão. Mais do que o simples ato de mover o corpo, ele constitui uma linguagem que comunica emoções, identidades e histórias, estabelecendo conexões profundas entre o indivíduo, sua ancestralidade e o mundo ao seu redor.

Enquanto arte do movimento, o *Jazz Dance* revela a potência criativa da dança em sua dimensão estética, histórica e cultural. Por meio dele, o corpo traduz sentimentos como alegria, desejo, resistência e poder, transformando-os em gestos que se manifestam no tempo e no espaço. Além de contribuir para o desenvolvimento psicofísico, da autoestima e da consciência corporal, o *Jazz Dance* também se afirma como expressão artística marcada pela pluralidade: dialoga com diferentes estilos musicais, transita entre o clássico e o contemporâneo, e mantém como essência o espírito de liberdade e a afirmação identitária da cultura negra.

Originado nos Estados Unidos, o *Jazz Dance* é um estilo que nasceu da fusão entre influências africanas e europeias. Este gênero se consolidou como uma linguagem cênica marcada por sua energia, musicalidade e presença corporal. Ele dialoga com diferentes estilos musicais e carrega uma estética versátil que vai do clássico ao contemporâneo, sendo utilizado em espetáculos, teatro musical e até na mídia televisiva. O *Jazz Dance*, por sua expressividade e dinamismo, ocupa um lugar importante tanto na formação artística quanto no desenvolvimento psicofísico dos praticantes, além de ser um símbolo de resistência e liberdade para a população negra.

A relação entre a liberdade de expressão e o movimento do *Jazz Dance* é indissociável, pois ambos caminham juntos em uma luta histórica por reconhecimento e autonomia cultural. Desde o seu surgimento, o *Jazz Dance* enfrentou repressões que limitaram sua plena manifestação artística e cultural. Suas raízes estão profundamente ligadas à cultura negra, especialmente às tradições africanas trazidas pelos povos escravizados para os Estados Unidos. Mesmo diante das dificuldades, o *Jazz Dance* resistiu e se reinventou, tornando-se não apenas uma manifestação artística de grande valor, mas também um símbolo de resistência, identidade e liberdade.

A história do *Jazz Dance* remonta ao período da escravidão, quando pessoas negras eram forçadas a viajar da África para os Estados Unidos nos navios negreiros. Durante as longas e desumanas travessias, muitos não resistiam às doenças e condições precárias. Aqueles que sobreviviam, ao chegarem às plantações, eram obrigados a dançar para “manter o corpo ativo”, uma prática imposta pelos seus senhores como forma de evitar o adoecimento e garantir a continuidade do trabalho forçado nos campos. Nesse contexto, surgiram as *work songs* (canções de trabalho), que acompanhavam os movimentos e funcionavam como uma poderosa forma de expressão. Essas canções revelavam o cansaço, a dor, a resistência e os pensamentos dos trabalhadores escravizados, tornando-se uma das primeiras manifestações da musicalidade afro-americana, base fundamental para o surgimento do Jazz e, posteriormente, do *Jazz Dance*.

Nos anos seguintes, a liberdade de expressão dos povos escravizados começou a ser cada vez mais reprimida pelos senhores brancos. Alegava-se que os cantos e danças oriundos das culturas africanas atrapalhavam a produção nas plantações, já que, segundo suas crenças, essas manifestações traziam “energias negativas” que prejudicariam as colheitas. Muitos também viam os cantos religiosos, ligados às religiões de matriz africana, como invocações de espíritos malignos. Além disso, acreditavam que os escravizados usavam essas práticas como uma forma disfarçada de comunicação por códigos, o que gerava temor nos dominadores.

Neste cenário de repressão, os senhores brancos continuavam a preservar suas tradições culturais europeias, valorizando danças como a polca, a valsa e as quadrilhas. No entanto, os escravizados passaram a imitar e parodiar essas danças como uma forma de resistência. A imitação, muitas vezes carregada de ironia e deboche, não era apenas uma maneira de garantir certa “autorização” para dançar, mas também de expressar a criatividade e o desdém contra a cultura opressora. A fusão entre os ritmos e gestos europeus e os elementos naturais das danças africanas, ricos em improvisação, deu origem ao *Jazz Dance*, que mais tarde se tornaria uma das formas mais importantes de expressão artística da comunidade negra nos Estados Unidos.

O *Jazz Dance*, portanto, nasce como um símbolo de resistência, criatividade e afirmação cultural. Ele é fruto da ressignificação das imposições sociais e culturais vividas pela população negra, tornando-se uma poderosa ferramenta de expressão identitária. Esse processo reflete a luta por liberdade de expressão, que é, sem dúvida, um direito fundamental em qualquer sociedade.

A liberdade de expressão não só assegura o desenvolvimento artístico e cultural, como também é essencial para a construção da identidade individual e coletiva. A identidade

cultural é formada por um conjunto de valores, tradições, crenças, linguagens e expressões artísticas que definem um grupo ou sociedade. Ela é dinâmica, moldada pelas interações sociais, políticas e econômicas, e pode ser compartilhada por diferentes grupos, promovendo uma diversidade cultural rica e significativa. Para o povo negro, a preservação de sua identidade cultural não é apenas uma questão de manter viva a memória de sua luta histórica, mas também de garantir a continuidade de suas expressões culturais, fundamentais para a autoestima e o senso de pertencimento.

Portanto, o *Jazz Dance*, ao longo da sua história, não foi apenas uma expressão artística, mas também um ato de resistência cultural e política. Ele se tornou um símbolo de liberdade de expressão, mostrando que a arte é um meio poderoso de contestar, afirmar e transformar realidades, além de contribuir para o fortalecimento da identidade cultural do povo negro.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a relação entre o *Jazz Dance* e a liberdade de expressão, compreendendo como essa forma de dança surgiu historicamente como resposta a contextos de opressão e se consolidou como meio de resistência, afirmação cultural e expressão identitária ao longo do tempo. Para alcançar tal propósito, busca-se investigar as origens do *Jazz Dance* em sua relação com as manifestações afro-americanas; averiguar de que modo se desenvolveu como prática de resistência em diferentes períodos históricos; identificar a contribuição de figuras negras que marcaram sua trajetória; compreender como essa liberdade de expressão se manifesta atualmente em espaços artísticos, educacionais e sociais; e refletir sobre a importância da valorização das raízes culturais negras na dança como elemento de identidade, autoestima e diversidade.

A fim de alcançar esses objetivos, o método utilizado será a revisão bibliográfica, de cunho qualitativo e caráter descritivo. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de compreender o fenômeno em profundidade a partir de materiais já elaborados sobre o tema. Como explica Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A abordagem qualitativa permite interpretar os significados atribuídos ao *Jazz Dance* em seu contexto histórico e social, enquanto o caráter descritivo contribui para sistematizar e esclarecer de maneira ampla as diferentes dimensões que envolvem a dança como linguagem, resistência e liberdade de expressão.

O presente trabalho, portanto, justifica-se pela relevância de indicar a intersecção entre a liberdade de expressão e o *Jazz Dance*, especialmente a partir da experiência de uma mulher

negra, como eu, que vivenciei e foi profundamente impactada por essa arte como forma de libertação pessoal e coletiva.

Optamos por apresentar o tema em dois (02) capítulos, sendo o primeiro em formato de Memorial, afinal, foi a partir da experiência, da vivência da pesquisadora que o interesse pelo tema surgiu.

CAPÍTULO 1 – MEMORIAL

Este memorial é um relato sensível e reflexivo sobre minha trajetória como mulher negra dentro da dança – um espaço que, por muito tempo, me ensinou tanto a mover o corpo quanto a resistir. Nele, revisito vivências marcadas por silenciamentos, imposições estéticas e a ausência de referências negras, mas também por descobertas, conquistas e reencontros comigo mesma. A partir das experiências vividas em minha formação, busco compreender como a dança se tornou não apenas uma linguagem artística, mas também um instrumento de identidade, libertação e reconstrução de pertencimento.

1.1 A ESTÉTICA DO APAGAMENTO

Desde muito jovem, a dança ocupou um espaço importante na minha vida. Era o lugar onde eu podia me expressar sem precisar de palavras, onde o corpo falava mais alto que a voz. Cresci fascinada pelos movimentos, pelas músicas, pelos palcos. A escola de dança parecia, para mim, um universo encantado — cheio de espelhos, tecidos e ritmos. No entanto, com o tempo, fui descobrindo que aquele espaço que parecia livre e acolhedor também carregava muitas marcas de exclusão e silenciamento.

Quando entrei para a escola de dança, estava cheia de sonhos. Queria aprender, crescer e fazer parte daquele grupo de meninas talentosas que se moviam com tanta leveza. Lembro-me das aulas com Tia Vânia, nossa mestra — uma mulher exigente, meticulosa, que cobrava perfeição nos mínimos detalhes. No começo, eu a admirava profundamente. Ela era uma referência, uma figura de autoridade e elegância. Porém, com o passar dos meses, comecei a perceber que algo em mim nunca se encaixava completamente naquele ambiente.

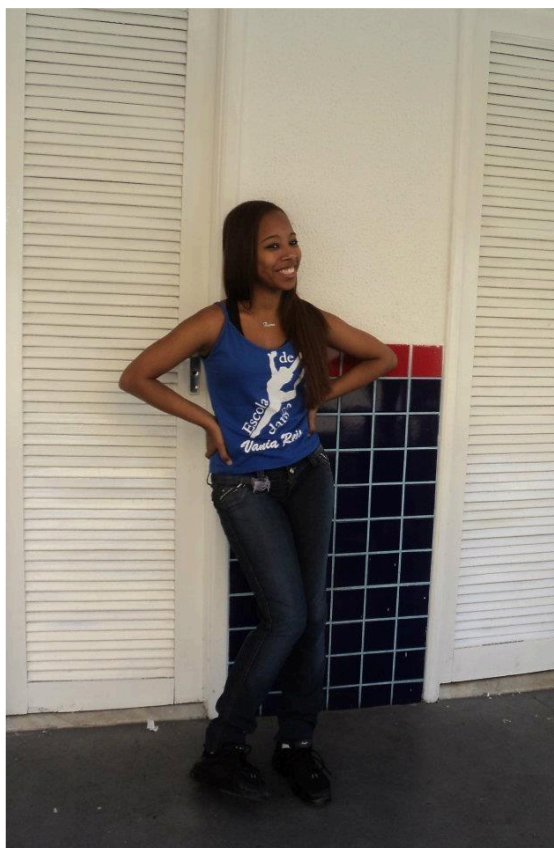


Fonte: arquivo pessoal

Eu era uma das poucas meninas negras da turma. Enquanto as outras pareciam se ver refletidas nos espelhos do estúdio, eu me sentia invisível. Aquelas paredes brancas e os refletores pareciam me devolver uma imagem distorcida, como se meu corpo não pertencesse ao mesmo palco. A estética valorizada era clara: cabelos lisos, corpos esguios, uniformes impecáveis. Tudo que fugisse desse padrão era sutilmente corrigido ou disfarçado. E foi aí que começaram as primeiras feridas.

Tia Vânia tinha implicâncias constantes com o meu cabelo. O volume, o formato, a textura – nada parecia estar “adequado” para as apresentações. Ela dizia que meu cabelo “atrapalhava a harmonia” do grupo, que “chamava mais atenção do que devia” e que “quebrava a estética da coreografia”. Aos poucos, fui internalizando que o meu cabelo era um problema. Um erro a ser corrigido. Lembro das vezes em que, antes das apresentações, ela me pedia para alisar o cabelo, dizendo que assim eu ficaria “melhor no conjunto”. As meninas brancas e as meninas de cabelos alisados eram sempre o padrão — elas representavam o que era considerado bonito, limpo e profissional.

Naquele momento, eu não tinha consciência da violência simbólica¹ que tudo isso representava. Apenas queria pertencer. Queria que a professora me elogiasse, que minhas colegas me vissem como igual, que meu corpo fosse aceito no palco. E, para isso, comecei a ceder. Alisei o cabelo, preendi com força, escondi o volume, disfarcei o que havia de natural em mim.



Fonte: arquivo pessoal

Com o tempo, percebi que essa busca pela aceitação me afastava da minha própria identidade. A dança, que deveria ser um espaço de liberdade, tornava-se um lugar de aprisionamento. Eu estava ali, tentando expressar arte e emoção, mas dentro de moldes rígidos que não me permitiam ser quem eu era. Comecei a perceber como o corpo negro é constantemente vigiado, controlado e moldado para se encaixar em um padrão branco e eurocêntrico.

¹ Consequência do racismo que, hoje, é possível nomear.

Com o passar dos anos, comecei a desenvolver um olhar mais crítico sobre tudo o que vivi. A dança, que um dia representou um espaço de dor e negação, também se tornou, paradoxalmente, o caminho da minha libertação. Aos poucos, fui me reaproximando do meu corpo natural, resgatando minha identidade, compreendendo que meu cabelo não era um obstáculo estético, mas sim uma expressão de ancestralidade, força e resistência.



Fonte: arquivo pessoal

Hoje percebo o quanto as pequenas violências diárias – os comentários, as comparações, as exigências de uniformidade – moldam subjetividades e perpetuam a exclusão, sendo parte do que algumas autoras, como Carla Akotirene, classificam como racismo institucional. A dança que aprendi na infância e adolescência me ensinou disciplina e técnica, mas também me mostrou o quanto o racismo pode estar presente em espaços de arte, disfarçado de “padrão estético”.

Relembrar essa trajetória é doloroso, mas também necessário. É reconhecer que, por muito tempo, tentei apagar partes de mim para ser aceita. É entender que o palco pode ser tanto lugar de expressão quanto de opressão. E é justamente por ter vivido essas contradições que hoje escolho outro caminho: o da afirmação, o da negritude que dança com orgulho, o da mulher que reconhece sua história e transforma a dor em movimento.

1.2 O ESPAÇO DO NÃO PERTENCER

Ao longo de toda essa vivência, percebi que um dos fatores mais marcantes era a falta de referências negras no espaço da dança. Apesar de Tia Vânia ser uma mulher preta, suas falas e posturas não representavam acolhimento ou reconhecimento da nossa identidade racial. Era como se ela mesma tivesse sido moldada por um ideal de beleza e técnica que negava a sua própria negritude.

Não havia professores negros nas outras modalidades. As poucas pessoas negras que frequentavam o espaço eram, em sua maioria, alunos. Mesmo assim, raramente havia algum tipo de posicionamento coletivo diante das situações de racismo ou exclusão. Todos pareciam se acostumar com o silêncio. O racismo ali não era explícito, mas estava presente nos olhares, nas comparações, nos convites para apresentações e até na forma como os papéis principais eram distribuídos.

Com o tempo, comecei a perceber o quanto esse silêncio também era uma forma de violência. As ausências falam. A falta de representatividade grita. Não ter uma figura de referência negra que dissesse “você pode ser como é e ainda assim dançar lindamente” me fez acreditar, por muitos anos, que eu precisava me adequar para existir artisticamente.

Foram muitas as vezes em que ouvi comentários sutis – mas profundamente dolorosos – sobre o meu cabelo, sobre o brilho da minha pele, sobre o tipo de corpo que eu tinha. Comentários que vinham de colegas, de mães de outras alunas, de pessoas do público e até da própria professora. Coisas ditas em tom de brincadeira, mas que iam se acumulando dentro de mim como pequenas cicatrizes.

Essas palavras deixaram marcas. Elas fizeram com que eu começasse a me perguntar se eu realmente pertencia àquele grupo. Será que dançar com o meu cabelo natural era algo errado? Será que eu desrespeitava o grupo apenas por ser diferente? Por que o meu corpo precisava se encaixar em uma estética que não me representava?

Esses questionamentos me acompanharam por muito tempo. Foram momentos de dúvida, de tristeza e de autoquestionamento. Por gostar da estética do meu cabelo, passei a ser vista como alguém “rebelde”, “teimosa” ou “desalinhada”. E, na verdade, o que eu estava fazendo era apenas tentando ser eu mesma – tentando existir dentro de um espaço que insistia em me moldar.

A ausência de referências negras na dança me fez entender, mais tarde, o quanto a representatividade é fundamental. Uma criança negra que não vê pessoas como ela sendo

valorizadas nos espaços de arte cresce acreditando que precisa se adaptar para ser aceita. E foi exatamente isso que aconteceu comigo por muito tempo.

Mas essa ausência também despertou em mim um outro movimento: o desejo de ocupar esse lugar. De ser referência para outras meninas que, como eu, já se sentiram deslocadas, diferentes, “fora do padrão”. Hoje compreendo que o caminho que trilhei – cheio de dores e descobertas – também me preparou para essa missão.



Fonte: arquivo pessoal

Entendi que ser uma mulher negra na dança é desafiar um sistema inteiro que, historicamente, excluiu nossos corpos dos palcos. É ressignificar a técnica, a estética e o movimento. É mostrar que o cabelo crespo pode dançar solto, que a pele preta brilha sob a luz e que nossos corpos são lindos em sua potência e verdade.

O que antes me fazia duvidar do meu pertencimento hoje me fortalece. As marcas e feridas que carrego se transformaram em consciência e propósito. Porque, mais do que dançar, aprendi a existir através da dança. E hoje danço não mais para caber, mas para expandir.

1.3 QUANDO EU VIREI REFERÊNCIA

A virada de chave na minha trajetória aconteceu de forma sutil, mas profundamente transformadora. Foi em uma aula comum, em meio aos ensaios e correções habituais, que algo mudou. Eu estava acostumada a ser observada com olhares de comparação, de julgamento ou de estranhamento. Mas, naquele dia, percebi um olhar diferente. Uma aluna mais nova, menos graduada, me observava com admiração – não só pelos meus movimentos, mas pela minha presença, pelo meu corpo, pelo meu cabelo. Pela forma como eu ocupava aquele espaço.

Ela falou publicamente que se inspirava em mim, que achava bonito o meu cabelo e que queria dançar como eu. Aquela fala, simples e espontânea, teve um impacto profundo em mim. Pela primeira vez dentro daquele ambiente, eu me senti referência. Não uma referência imposta, mas um reflexo verdadeiro – de alguém que me via e se via em mim.

Foi um momento breve, mas intenso. Um instante em que percebi que, mesmo em meio a tantas tentativas de apagamento, a minha presença ainda tinha potência. Que o que antes era motivo de crítica agora poderia ser motivo de identificação e força para outra pessoa. Eu havia passado anos tentando me encaixar, alisando o cabelo, controlando meus gestos e disfarçando o que me tornava diferente. E agora, pela primeira vez, o que me diferenciava se tornava justamente o que inspirava outra mulher.



Fonte: arquivo pessoal

Naquele instante, entendi que ser referência vai muito além de técnica ou reconhecimento profissional. É sobre representatividade, sobre permitir que outras pessoas negras se vejam possíveis dentro de espaços onde por tanto tempo fomos invisibilizadas. Essa compreensão me atravessou e me reorganizou por dentro. Eu deixei de buscar aceitação e comecei a buscar expressão.

Mas, mesmo após essa descoberta tão valiosa, o caminho continuou desafiador. A sensação de valorização que senti naquele momento não impediu que eu continuasse a enfrentar situações de exclusão dentro da própria escola de dança. Em várias oportunidades, percebi que ainda não era considerada para certos projetos ou trabalhos. A justificativa não era dita de forma direta, mas estava sempre presente: a estética.

Quando a companhia de dança da escola foi montada, eu não fui convidada. Era um grupo seleta, e todos sabiam que a escolha passava, antes de tudo, por um ideal estético. Eu entendi, sem que ninguém precisasse dizer, que o meu cabelo e o meu corpo ainda não se

encaixavam no padrão esperado. Foi doloroso perceber que, mesmo depois de tanto esforço e dedicação, ainda existia uma barreira invisível, mas sólida, que separava quem era considerado “adequado” de quem não era.

Mesmo assim, algo dentro de mim já havia mudado. A dor ainda existia, mas agora vinha acompanhada de consciência. Eu já não aceitava mais o discurso (imbuído de racismo) de que a estética podia ser usada como critério de exclusão. A arte, para mim, não deveria servir para reforçar padrões, mas para libertar corpos. E foi com essa nova percepção que comecei a trilhar um outro caminho.

Fora da escola, novas portas começaram a se abrir. Trabalhos profissionais em que a diversidade era não apenas aceita, mas valorizada. Projetos que acolhiam corpos diferentes, cabelos diferentes, histórias diferentes. E, mais importante: encontrei pessoas como eu. Pessoas negras que dançavam com orgulho, que não precisavam se moldar, que celebravam suas estéticas como forma de resistência e beleza.

Esses encontros foram transformadores. Foi com essas pessoas que aprendi o verdadeiro significado de pertencimento. Já não era sobre se encaixar, mas sobre ocupar. Já não era sobre disfarçar, mas sobre mostrar. A dança, que antes havia sido um território de dor, passou a ser também um território de cura.

Ver outras pessoas negras dançando, com seus cabelos crespos, tranças, turbantes e corpos potentes, me fez perceber que a minha luta não era isolada. Que havia uma rede de resistência sendo construída, silenciosamente, por muitas de nós. Entendi que a presença de um corpo negro no palco é, por si só, um ato político. Que dançar, com o corpo que se tem e do jeito que ele é, é uma forma de dizer: “eu existo, eu pertencço, eu também faço arte”.

As oportunidades que começaram a surgir eram diferentes das que eu havia conhecido. Eram trabalhos que acolhiam “todo tipo de gente”, como costumavam dizer. E isso, por si só, já trazia um novo significado para a dança. Também apareceram convites específicos para projetos voltados a artistas negros, e esses espaços foram verdadeiros refúgios. Ali, eu podia respirar sem precisar esconder o que eu era. Ali, eu podia simplesmente dançar, com verdade, com potência, com liberdade.



Fonte: arquivo pessoal

Esses trabalhos se tornaram ainda mais relevantes do que qualquer reconhecimento que eu pudesse ter tido na escola. Foi neles que encontrei sentido e permanência. Porque ver pessoas negras sendo admiradas por sua arte, por sua estética, por sua autenticidade, era ver o espelho que me faltou por tantos anos. Eu via nelas o que sempre quis ver em mim — e, de certa forma, me reconstruía a cada ensaio, a cada apresentação, a cada novo olhar de admiração e respeito.

Com o tempo, percebi que essa virada de chave não era apenas pessoal, mas coletiva. O meu processo de aceitação e de afirmação refletia também o de tantas outras pessoas que passaram pelas mesmas experiências de silenciamento. A diferença é que agora, nós nos reconhecíamos. E esse reconhecimento mútuo era revolucionário.

Compreendi que o racismo não é apenas uma questão de aparência, mas uma ferramenta de exclusão que atinge o que temos de mais profundo: nossa identidade e nossa autoestima. E entendi também que resistir a isso não é só um ato político, mas um ato de amor. Amor por si mesma, amor pelos que vieram antes e pelos que ainda virão.

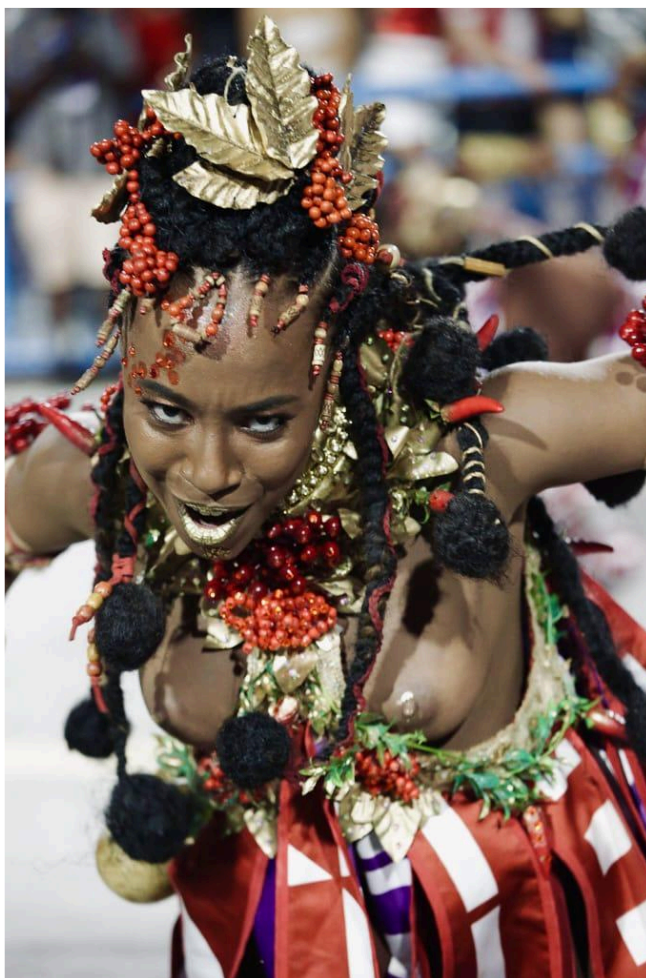
Aos poucos, o palco deixou de ser um lugar de medo para se tornar um espaço de afirmação. Eu voltei a dançar com alegria, com liberdade, com o corpo solto e o cabelo livre. Voltei a me ver bonita, potente, capaz. E, principalmente, voltei a entender que dançar é sobre expressão – e que cada corpo tem o direito de contar a sua história através do movimento.

Hoje, quando olho para trás, vejo uma trajetória que começa com a busca pela aceitação e chega à conquista da consciência. E percebo que essa jornada é, em si, uma coreografia. Uma dança feita de quedas e recomeços, de dor e descoberta, de apagamento e luz.

Ser uma mulher negra na dança é ocupar um espaço que, por muito tempo, nos foi negado. É dançar com as marcas da história e com a força da ancestralidade. É compreender que cada passo é político, cada gesto é memória e cada movimento é resistência.

Aquela menina que um dia chorou por não se encaixar é hoje a mulher que inspira outras a se verem bonitas e fortes como são. E se um dia eu fui ensinada a esconder o meu cabelo para caber no grupo, hoje eu danço com ele solto, em movimento, ocupando o espaço que sempre foi meu.

Dançar, agora, é o meu ato de liberdade.



Fonte: arquivo pessoal

CAPÍTULO 2 – O *JAZZ DANCE* E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DO *JAZZ DANCE*

A trajetória do *Jazz Dance* está profundamente enraizada na história da diáspora africana e no contexto da escravidão nos Estados Unidos. Durante as travessias dos navios negreiros, os africanos escravizados utilizavam a dança não apenas como prática cultural, mas como meio de preservação física e resistência psicológica diante das condições desumanas. Enquanto os senhores de escravos valorizavam e incentivavam as danças tradicionais europeias — como polca, valsa e quadrilhas — os africanos escravizados reinterpretavam essas formas, fundindo-as com seus movimentos ancestrais, criando uma expressão cultural híbrida que refletia sua identidade e resistência.

O contexto histórico é essencial para compreender o desenvolvimento do *jazz dance*. Por exemplo, no século XIX, no sul dos Estados Unidos, a proibição do uso de tambores pelas autoridades visava impedir que fossem usados como instrumentos de comunicação para organizar revoltas. Como resposta, os africanos passaram a utilizar palmas, estalos de dedos e sapateados para manter viva sua tradição rítmica. Instrumentos como o banjo, oriundos da cultura africana, também foram adaptados, consolidando as bases sonoras e corporais do *jazz dance* (Cohan, 2012).

A diáspora africana entre os séculos XVI e XIX foi o canal pelo qual esses ritmos e danças folclóricas chegaram ao continente americano. Embora marginalizadas e invisibilizadas, essas expressões culturais foram preservadas nas senzalas, como registros vivos de resistência e identidade (Cohan, 2012). Apesar de a abolição da escravatura ter ocorrido no século XIX, as manifestações da população negra continuaram a ser estigmatizadas como primitivas e incompatíveis com a estética ocidental dominante (Cohan, 2012).

No século XX, o *jazz dance* começou a ser absorvido e transformado em ambientes urbanos e artísticos, incorporando influências do Can-Can, Charleston, Rock e sapateado, o que ampliou sua linguagem e alcance (LONDON CONTEMPORARY DANCE SCHOOL, 2012). Em meio a esse contexto, a figura de Jack Cole emerge como um dos pioneiros, ao mesclar o balé moderno com técnicas corporais isoladas, inspiradas tanto pela dança indiana quanto pelas tradições africanas, criando um estilo intenso e singular que viria a caracterizar o *jazz dance* moderno. Cole teve um papel fundamental na popularização da dança em produções da Broadway, consolidando a linguagem do jazz como forma artística profissional (Cohan, 2012).

Katherine Dunham, bailarina e antropóloga, também foi crucial para a valorização das raízes africanas do jazz. Combinando pesquisa acadêmica e prática artística, ela desenvolveu coreografias que destacavam a influência afro-caribenha, fortalecendo a conexão do jazz com suas origens ancestrais (Cohan, 2012; LONDON CONTEMPORARY DANCE SCHOOL, 2012).

Assim, o *jazz dance* se apresenta como uma manifestação híbrida, fruto da fusão cultural entre tradições africanas e europeias, marcada pelo swing, polirritmia, isolamento corporal e improvisação. A dança se expandiu não apenas como um entretenimento, mas como um símbolo cultural de resistência e criatividade (Freire, 1991).

Nos Estados Unidos, o jazz consolidou-se especialmente em Nova Orleans a partir de 1860, local que se tornou berço de ritmos e movimentos que influenciaram o jazz e outras

manifestações musicais e corporais. O crescimento da dança foi impulsionado por fatores históricos como a Primeira Guerra Mundial, que propiciou a difusão da cultura negra por centros urbanos do norte americano (Cohan, 2012).

No Brasil, o *jazz dance* ganhou força principalmente a partir da década de 1970, com a difusão por meio da televisão e dos meios de comunicação. São Paulo despontou como polo cultural, com artistas e educadores que adaptaram a linguagem do jazz à realidade brasileira, enfatizando suas raízes afro e sua dimensão popular. Joyce Kerrmann foi uma das figuras centrais nessa trajetória, trazendo a técnica e a pesquisa internacional para formar uma base sólida de jazz no país, além de fundar a Companhia de Dança Joyce Kerrmann, pioneira na consolidação do jazz brasileiro.

Roseli Rodrigues destacou-se ao conectar a dança ao cotidiano do corpo brasileiro, valorizando a pluralidade e o potencial expressivo do jazz para além do espetáculo, consolidando o Grupo Raça como um dos principais veículos da dança negra e popular no Brasil. Suas obras expressaram essa potência híbrida e política do *jazz dance*, mantendo vivo seu legado até hoje.

O *jazz dance* contemporâneo continua se transformando, incorporando elementos da dança contemporânea, urbana e outras linguagens, reafirmando sua capacidade de reinvenção e adaptação, garantindo sua relevância artística no cenário global.

2.2 O JAZZ DANCE COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Mais do que uma simples técnica, o *jazz dance* é uma manifestação cultural carregada de significados sociais, históricos e políticos, cuja gênese está vinculada à experiência da população afro-americana na diáspora. O *jazz dance* surgiu como espaço de resistência e reinvenção, onde a improvisação e a expressão corporal tornaram-se formas de afirmar identidade e narrativas silenciadas. Cunha (2016) destaca que o jazz é “uma dança atravessada por marcas culturais, sociais e históricas que revelam tensões e resistências de um povo em busca de voz”.

No Brasil, essa linguagem encontrou terreno fértil principalmente nas grandes cidades a partir dos anos 1970. Aqui, o jazz passou por um processo de reterritorialização,

moldando-se às especificidades culturais locais e absorvendo influências da cultura pop norte-americana, mas sem perder a referência às raízes africanas, fortalecidas por artistas como Roseli Rodrigues e Joyce Kerrmann.

Desde suas origens, o *jazz dance* sempre representou uma forma de liberdade. Sua improvisação não é apenas uma técnica artística, mas um ato político e histórico de resistência, conforme Gottschild (2003), que ressalta que a improvisação no jazz permite que o dançarino “expresse sua verdade em contextos de repressão”.

Diferentemente das danças acadêmicas eurocentradas, o jazz valoriza a expressividade corporal, a musicalidade e a subjetividade de cada intérprete. No Brasil, Roseli Rodrigues defendia que “dançar é contar o que não consigo falar” (Rodrigues, apud Almeida, 2017), tornando o corpo um canal para narrativas pessoais e coletivas.

Joyce Kerrmann, por sua vez, evidenciou o papel político da dança, afirmando que ensinar jazz é “um ato político, pois ensina os corpos a se libertarem de padrões impostos” (Corpos em Movimento, 2022). Suas práticas pedagógicas valorizam a escuta, a ancestralidade e o empoderamento, especialmente de mulheres negras e periféricas.

2.2.1 A Liberdade de Expressão no *Jazz Dance*

A liberdade de expressão é um direito fundamental que, no *jazz dance*, se manifesta corporalmente. Freire (1987) afirma que “não há educação sem expressão”, e no jazz, essa liberdade de existir e se mover de acordo com a própria narrativa torna-se uma prática de resistência contra padrões normativos de raça, gênero e classe.

Bell Hooks (1995) reforça que a arte negra é um ato de insurgência, e o jazz, quando enraizado em suas origens afro-diaspóricas, é uma linguagem radicalmente livre. O trabalho de Joyce Kerrmann exemplifica essa visão, oferecendo um espaço onde técnica e autonomia andam juntas, e a escuta do corpo e da história são centrais.

Assim, o *jazz dance* torna-se uma plataforma de afirmação, crítica e construção de novos mundos, simbolizando a liberdade em movimento.

Historicamente, o *jazz dance* foi e continua sendo uma poderosa linguagem artística para a liberdade de expressão. Ele permite que indivíduos e grupos externalizem suas emoções, identidades e histórias em uma sociedade que muitas vezes silencia e exclui vozes diversas (Gotschild, 2003).

Sua dimensão social e política o torna uma ferramenta de resistência a múltiplas opressões, especialmente as de raça, gênero e classe. No Brasil, artistas como Roseli

Rodrigues e Joyce Kerrmann transformaram o jazz em um meio de empoderamento para corpos periféricos e racializados, afirmando que a liberdade no jazz é também o direito de existir sem pedir licença (Kerrmann, 2022).

A improvisação e a liberdade gestual características do jazz promovem uma pedagogia da escuta e do respeito à diversidade, colocando a dança como meio político, cultural e afetivo.

A história do *jazz dance* é, por si só, um testemunho de resistência cultural. Originado da diáspora africana, ele carrega uma memória ancestral de luta contra a opressão. Hooks (1995) aponta que a arte negra constrói refúgios simbólicos contra as violências do racismo, e o jazz incorpora essa resistência não só em sua temática, mas em sua própria forma: rítmica, improvisada e coletiva.

No Brasil, a resistência cultural do jazz também se materializa na luta por espaços e reconhecimento, como evidenciado por Roseli Rodrigues, que superou estigmas ao trazer o corpo popular para o centro do palco (Almeida, 2017).

Além do palco, o jazz tem sido utilizado como ferramenta de educação popular, democratizando o acesso à cultura em espaços periféricos e promovendo inclusão.

2.3 BARREIRAS ENFRENTADAS E MOVIMENTOS DE INCLUSÃO

Apesar de sua força, o *jazz dance* ainda enfrenta barreiras significativas. O racismo estrutural e o elitismo cultural marginalizam a contribuição negra, dificultando o reconhecimento das origens afro-diaspóricas do jazz e sua legitimidade nas instituições (Xavier, 2021).

No Brasil, a falta de financiamento, o acesso desigual à formação e o preconceito estético continuam sendo desafios para artistas e educadores. Kerrmann (2022) denuncia que o jazz ainda é visto por muitos apenas como entretenimento, não como uma forma legítima de arte de resistência.

Questões de gênero e sexualidade também atravessam o campo, impondo estigmas e discriminações que limitam a plena expressão.

Em contrapartida, existem importantes movimentos de inclusão que promovem a diversidade no *jazz dance*, desafiando padrões hegemônicos. Projetos como a Raça Cia. de Dança já trabalharam na democratização do acesso e na valorização da dança negra.

No Brasil, iniciativas como o Jazz de Quebrada, desenvolvido por Joyce Kerrmann, enfatizam ancestralidade e empoderamento feminino e negro, resgatando as raízes do jazz e tornando-o ferramenta de cura e transformação social.

Internacionalmente, organizações como o International Association of Blacks in Dance (IABD) fortalecem a rede global de resistência e valorização da dança negra, fomentando trocas entre artistas e pesquisadores. Essas práticas indicam um caminho para um *jazz dance* cada vez mais plural, inclusivo e fiel à sua história de resistência e expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o Jazz Dance é revisitar um caminho de corpos que resistem, que se reinventam e que, sobretudo, se libertam. Através deste estudo, buscou-se compreender o jazz não apenas como uma técnica de dança, mas como uma linguagem viva, pulsante e atravessada por múltiplas histórias, culturas e experiências humanas. O percurso aqui traçado revelou que o Jazz Dance é muito mais do que uma expressão estética; é uma forma de existir no mundo, um modo de comunicar emoções, de afirmar identidades e de reivindicar espaços de visibilidade.

Desde suas origens, o jazz carrega em si as marcas da diáspora africana, dos tambores que ecoaram resistência e ancestralidade em meio à opressão. A história do jazz é, portanto, também a história de um povo que fez da arte um território de luta e liberdade. Cada gesto, cada improviso e cada respiração no jazz traduzem memórias e afetos que não se apagam — são corpos que contam histórias, corpos que dançam para continuar existindo.

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber que o Jazz Dance é uma expressão que se transforma conforme os contextos históricos e culturais que o acolhem. Quando chega ao

Brasil, especialmente em São Paulo, o jazz se funde às nossas referências locais, dialogando com ritmos, cores e movimentos que traduzem a riqueza e a diversidade da cultura brasileira. Essa fusão não dilui sua essência, mas a renova, conferindo-lhe novas possibilidades de criação e identidade. É nesse diálogo entre o global e o local, entre o ancestral e o contemporâneo, que o jazz se mantém vivo e em constante reinvenção.

A contribuição de figuras como Joyce Kerrmann e Roseli Rodrigues foi essencial para essa consolidação do jazz no Brasil. Ambas compreenderam a dança como um ato de sensibilidade, de escuta e de liberdade, e deixaram legados que ultrapassam as fronteiras do ensino técnico. Suas trajetórias representam não apenas o avanço artístico da modalidade, mas também um compromisso ético e afetivo com a formação humana por meio da dança.

Sob essa perspectiva, o jazz é também um instrumento pedagógico potente. Ao ser trabalhado em contextos educativos e artísticos, ele estimula a autonomia, a criatividade e o reconhecimento das próprias emoções. Ensinar jazz é ensinar escuta, respeito e empatia. É permitir que cada corpo encontre o seu ritmo, o seu tempo e a sua voz. O espaço da sala de aula ou do palco torna-se, assim, um território de construção de identidades e de experimentação livre, onde o erro é entendido como parte do processo e a expressão individual é valorizada.

Além disso, o jazz permite repensar o papel da arte na sociedade contemporânea. Em tempos marcados pela velocidade e pelo consumo imediato, a dança convida à presença, à escuta do corpo e à conexão com o outro. O movimento, quando consciente e verdadeiro, torna-se um gesto político, um ato de resistência frente à homogeneização e à padronização dos corpos. O Jazz Dance, por sua natureza híbrida e plural, rompe barreiras e nos lembra que a arte nasce da mistura, do encontro, da diversidade.

Dessa forma, compreender o jazz é compreender a potência da arte como transformação social. É perceber que, por meio da dança, é possível promover o diálogo, o respeito e a valorização das diferenças. O jazz nos ensina que o corpo pode ser instrumento de fala, de denúncia e de poesia. Ele convida cada indivíduo a ocupar o espaço com autenticidade e coragem, reafirmando que a liberdade está no gesto que nasce do sentir.

Que este trabalho possa contribuir para um olhar mais sensível e crítico sobre o Jazz Dance, reconhecendo-o como uma manifestação cultural que ultrapassa o entretenimento e se consolida como linguagem de resistência e de pertencimento. Que a dança continue sendo ponte entre mundos, entre tempos e entre pessoas. E que, como dizia Roseli Rodrigues, possamos continuar dançando “para permanecer vivos” — porque é no movimento que o corpo encontra sentido, e é na arte que o ser humano reencontra sua essência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. Roseli Rodrigues e a dança como expressão política no Brasil. *Revista Brasileira de Dança*, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2017.

COHAN, R. *Jazz Dance: A History of the Roots and Branches*. London: Routledge, 2012.

CUNHA, M. O *Jazz Dance* e suas marcas culturais. *Revista Dança e Cultura*, v. 5, n. 1, p. 88-102, 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Movimento e cultura corporal*. São Paulo: Cortez, 1991.

GOTTSCHILD, B. *Digging the Africanist Presence in American Performance: Dance and Other Contexts*. Westport: Praeger, 2003.

HOOKS, B. *Black Looks: Race and Representation*. Boston: South End Press, 1995.

LONDON CONTEMPORARY DANCE SCHOOL. *Jazz Dance: History and Technique*. Londres, 2012.

KERRMANN, J. *Corpos em Movimento*. Entrevista com Joyce Kerrmann. Projeto Corpos em Movimento, 2022. Disponível em: <URL se houver>. Acesso em: 31 jul. 2025.

XAVIER, G. Racismo e dança: desafios contemporâneos. *Revista Afro Cultura*, v. 8, n. 3, p. 22-38, 2021.

